

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 16 — VOL. III.

Sabbado 23 de Abril de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Uma revolução na India portugueza, conclusão — A villa de Coruche — A menina dos cabellos brancos — A villa do Crato — Os thermes, em Roma, continuação — Arnellas — Memórias do coração, continuação — O castello de Pierrefonds — Deus! — Miscellanea.

GRAVURAS — Brasões d'armas das villas de Coruche e do Crato — Arnellas — Ruínas do castello de Pierrefonds.

Historia da actualidade.

A fragata ingleza *Marsey*, de quarenta peças, achase fazendo experiencias na bahia de Chatam com canhões de dez pollegadas, cada um dos quaes pesa oito mil e quinhentos arrateis.

Além d'este aperfeiçoamento na parte mais importante da sua marinha, fazem-se tambem experiencias no mesmo ponto de uma peça inventada pelo engenheiro Varry. Pode esta disparar com facilidade vinte tiros por minuto. Carregando-se esta com bala óca do capitão Norton, e que contém gaz liquido e inflamavel, incendiou um pedaço de panno á maior distancia do alcance do tiro, e a menor distancia um monte de madeira.

O capitão Armstrong foi creado baronete, em recompensa da sua invenção da peça rajada. Diz-se que nada pode resistir á bala conica, lançada por esta bocca de fogo com uma certeza e força até agora desconhecidas.

O governo francez está de posse de um segredo para proteger a madeira e as velas dos seus navios dos estragos do fogo.

O orçamento do exercito inglez para o anno de 1860, é, no pé de paz na Inglaterra e colonias, de cento vinte e dois mil homens, e na India de cento e seis mil.

A despeza do exercito inglez calculou-se para 1859-1860, em 11.568.060 libras esterlinas.

O exercito hollandez compõe-se a leste do Cabo da Boa Esperança, e nas Philippinas de europeus e indigenas. Na ilha de Java, a mais importante, ha um regimento de artilharia, o 7.º regimento de hussards; a 18.ª divisão composta de europeus; a 19.ª divisão, um batalhão de soldados engenheiros, além de varios outros corpos que não estão completos, porque d'estes saem os destacamentos para as outras ilhas.

As forças navaes de Hespanha, segundo um relatório de Janeiro do corrente anno, compõe-se da seguinte forma:

Navios de vela — duas naus de oitenta e quatro peças; quatro fragatas de trinta e duas a quarenta e duas; quatro corvetas de dezeseis a trinta; no-

ve brigues de dez a dezeseis; um bergantim goleta com cinco; seis goletas de uma a sete, e nove transportes de cento e cincoenta a mil toneladas.

Navios de helice — tres fragatas de trinta e sete a cincoenta peças, e da força de trezentos a trezentos e sessenta cavallos; uma corveta de tres peças e cento e sessenta cavallos; sete goletas de duas peças e oitenta cavallos.

Navios de roda — tres vapores de dezeseis peças e quinhentos cavallos; sete de seis peças e trezentos e cincoenta cavallos; e onze vapores de menor força.

Além d'estas forças conta a Hespanha, para serviço especial de guarda costa na peninsula, e no archipelago das Philippinas, sete navios de vapor de rodas de uma a seis peças, e de cento e vinte a duzentos cavallos; quatro palhobotes; dois lugres; duas lanchas canhoneiras; vinte e sete faluchos; trinta e tres faluas; e sessenta e duas escampavias.

O pessoal d'estas embarcações é de seis mil quatrocentos quarenta e oito homens para a artilharia de marinha; quinhentos trinta e nove para guardas dos arsenaes; e doze mil cento e noventa marinheiros.

Segundo uma relação publicada tambem em Janeiro, tem a Inglaterra quinhentos vinte e tres navios de guerra de todas as especies, incluindo cento sessenta e sete canhoneiras. D'estes quinhentos vinte e tres navios estão armados cento setenta e seis. Estão além d'isto em construção onze naus de linha de helice de oitenta a cento trinta e uma peças; e mais quinze navios tambem de helice, e cuja construção se acha muito adiantada.

A marinha franceza compõe-se, tambem segundo o mappa official, de duzentos e oitenta vapores a vapor de todas as especies; e noventa e sete de vela. Estes acham-se no mar. Estão em construção quarenta e cinco vapores a vapor, e vinte e quatro de vela. Total quatrocentas quarenta e seis embarcações.

No dia 13 do corrente marchou para Beja o batalhão de caçadores n.º 8 que estava aquartelado em Leiria. Deve chegar ao seu destino no dia 25. O motivo d'esta transferencia parece ter sido fazerem alguns soldados parte de uma quadrilha de salteadores que se formou nas immediações de Leiria.

O batalhão de caçadores n.º 6, que se acha em Beja, sae no dia 25 para Lisboa, onde deve chegar a 30. Depois de assistir á parada que no proximo mez deve ter lugar por occasião do consor-

cio da senhora infanta D. Maria Anna, seguirá marcha para Leiria.

O regimento de infantaria n.º 41, que está em Abrantes, recebeu ordem para estar prompto a marchar para Lisboa quando se lhe mandar.

As corvetas *Bartholomeu Dias* e *Sagres*, que saíram do Tejo no dia 10, com destino a Inglaterra a esperar o principe Jorge de Saxonia, chegaram ao seu destino com quatro dias de prospera viagem.

Noticias de Hespanha dizem que se vão augmentar as forças navaes das Philippinas; tendo-se mandado construir para este fim quarenta embarcações menores em Inglaterra.

O governo hespanhol foi dotado com um emprestimo de dois mil milhões de reales, realisaveis em oito annos, para augmento de material de guerra e marinha, construcções de estradas, melhoramentos de edificios penaes, etc.; cincoenta dos ditos milhões são para material de artilharia; duzentos para obras de fortificações; e cem para quartéis e edificios militares.

O governo francez agraciou com condecorações da Legião de Honra e medalhas, os individuos da expedição franceza que mais se teem distinguido na expedição da Cochinchina e da China.

Consta que n'um raio de doze leguas de Leão, acham-se actualmente acantonados cento e vinte mil homens de todas as armas.

O governo federal de Berne elevou a setenta e dois mil réis (quatrocentos francos) o direito de exportação de cavallos para fora do territorio suizo.

O governo austriaco determinou augmentar a sua artilharia com peças rajadas, segundo o modelo do fel-zeugmestre Haustal.

Tres dias sómente se empregou no transporte de uma divisão de vinte e cinco mil homens, com suas bagagens, de Vienna para a Lombardia.

Em Turim já se principiou a pôr em pratica a nova organização que se deu á infantaria.

O governo russo prohibiu a exportação de cavallos para fora das fronteiras da Russia e Polonia.

Finalmente chegou noticia de que a Austria accede a que a Sardenha tome parte no congresso que se vaee reunir por causa da questão italiana.

Em Lisboa houve este anno festividade de endoenças em poucas egrejas, mas n'estas celebraram-se com todo o esplendor. Apesar do tempo ter estado chuvoso foi grande a concorrência nos templos.

Uma revolução na Índia portuguesa.

II

Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripção pelo general Marinho, em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1853.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Conclusão.

Desgostoso do estado de intriga que a primeira junta provisoria tinha estabelecido em Goa, pedi logo ao governador tres coisas, as seguintes:

Primeira. Ser exonerado do serviço da India por isso mesmo que sua magestade o senhor D. João VI me tinha mandado regressar para a côrte.

Segunda. Passar as ordens para eu regressar na corveta Luconia, e mandar-me dar as comedorias que a lei determinava.

Teceira. Declarar em despacho official a maneira, como me tinha comportado tanto militar como civilmente, durante todo o tempo que tinha servido na India.

O governo deferiu-me logo todas as tres requisições com justiça; exonerou-me do commando do batalhão d'artilharia, e mandou-me entregar os petrechos, e munições de que eu estava responsável.

Em menos de uma hora tinha entregue tudo, não me faltando nem uma linha, e tinha na minha mão a quitação geral e limpa do arsenal do exercito, conforme era do uso legal n'aquelle tempo em Goa: isto prova a boa ordem em que eu tinha tudo.

Logo que me desembarcei de toda a responsabilidade, fui exonerado do serviço da India.

Depois deu-me todos os despachos necessarios para eu regressar á côrte na corveta Luconia, e deram-se-me as comedorias determinadas por lei.

Egualmente me deu um despacho que tem assignaturas mui respeitaveis pelo seu muito saber, pela sua circunspecção, honrosa probidade, e independência, e pela sua mais elevada cathogoria.

O voto official d'estas respeitaveis assignaturas é um milhão de vezes de mais consideração, que as intrigas, e calumnias d'aldrubios: não transcrevi aqui o reconhecimento de India e Minas d'este documento porque esta memoria é mais historica que justificativa.

Embarquei para o Rio de Janeiro na corveta Luconia, aonde ia conjuntamente o conde de Rio Pardo: chegámos á altura do Cabo da Boa-Esperança, e encontrando ali o mar um pouco grosso (não temporal) isto serviu de pretexto para o commandante da corveta, Caralinda, o conde de Rio Pardo, e os deputados da India entenderem-se, e fazerem assignar um termo de arribada, e arribarmos a Moçambique com o fim de especularem em escravatura.

Em consequencia arribámos a Moçambique, o conde de Rio Pardo, e o Caralinda arranjaram os seus escravos, e os deputados da India dividiram-se em duas secções, uma especulou em tartaruga, e outra em escravos; a fazenda publica é quem pagou todas estas especulações.

Logo que a corveta Luconia fundeou no porto do Rio de Janeiro, veio do quartel-general do imperador um açafate, cheio de laços verdes e amarelos, e legendas para os braços de *Independencia ou morte*.

O conde de Rio Pardo foi o primeiro que recebeu o seu grande laço, e a sua rica legenda; depois foi o commandante da corveta, Caralinda; eu, e um primeiro-tenente do meu regimento Antonio Raymundo de Sousa Sepulveda, bravo official, de muita instrução, e do mais honesto comportamento, e os officiaes da guarnição da mesma corveta, nenhum recebem o laço, nem as legendas; appareceu então publicamente mais honra, e mais dignidade, e mais fidelidade á patria nos subalter-

nos, que nos chefes: ficámos logo divididos em portuguezes e brasileiros.

Quando vi o conde de Rio Pardo com um laço brasileiro do tamanho de um prato, de guardanapo, e uma rica e doirada legenda, que dizia *Independencia ou morte* confesso que me desgostei de ser portuguez, porque logo me convenci, que cada um portuguez, salvas algumas excepções honrosas, não era um só homem, era juntamente quatro grandes tratantes, e quatro grandes marotos, e por conseguinte que Portugal tendo sómente tres milhões e meio de habitantes havia de ter doze milhões de marotos; que no nosso paiz era impossível a duração de um regimen politico, que se fundasse em probidade, justiça, honra, e moralidade.

Ceguei a Portugal em 1823; estava o regimen constitucional nos seus ultimos paroxismos; no fim de tres dias fui nomeado em chefe para uma commissão mui importante; se ella se realisasse, como mui provavelmente eu realisaria, Portugal hoje não estaria em tanta penuria, como aquella; em que está, nem em um grau tão inferior de consideração politica, porém acontecendo logo a villafrancada, a commissão não teve logar.

Em consequencia da villafrancada o regimen constitucional perdeu-se em Portugal, porque não houve gente capaz de o sustentar: foi substituido por um novo governo, que estabeleceu o antigo regimen da monarchia portugueza já muito esfarrapado: n'este novo e antigo regimen foi nomeado ministro da guerra, e da marinha o conde de Subserra: apresentei-me a elle e disse-lhe com franqueza o que poderia haver contra mim, e o que me tinha acontecido na India; não o conhecia, nem tinha pessoa, que me pudesse abonar para com elle, porém sympathisou comigo pela minha franqueza, e fez-me quantos favores eram possiveis em taes circumstancias.

Depois fui fallar com o mui digno conselheiro Sá, official-maior da secretaria de marinha, e de ultramar, um sabio da nação, e de uma incorruptibilidade poucas vezes imitavel; demorámonos a conversar em um gabinete da secretaria sobre objectos de Goa, e Moçambique desde as dez horas da manhã até ás cinco e meia da tarde; ficou perfeitamente meu amigo, fazendo-me alguns favores que lhe pedi.

Passados tempos o conde de Rio Pardo, vendo que no Brazil não o queriam para nada, veio para Portugal; eu sabendo que estava em Lisboa, para evitar alguma intriga, fui fallar com o conde de Subserra, e disse-lhe: «Ahi está o senhor conde de Rio Pardo; é natural que elle tenha officiado contra mim capciosamente; eu quero justificar-me, porque agora ha ahí abundantes testemunhas para comprovar todo o meu comportamento na India, e assim queria que v. ex.^a me mandasse julgar em conselho de guerra, com todos esses papeis que houver do senhor conde de Rio Pardo.»

O conde de Subserra respondeu-me: «Não é preciso; esteja descansado; sua magestade, e o seu governo sabem quem é o conde de Rio Pardo, e o que elle tem feito; não se lembre mais de tal.»

Da secretaria da guerra fui á secretaria da marinha fallar com o conselheiro Sá, official-maior da mesma secretaria, e disse-lhe o mesmo que tinha dito ao conde de Subserra. Respondeu-me: «Foi uma fatalidade politica estar em Goa o conde de Rio Pardo n'aquella epoca; e o negociante do ultramar, que tem trazido para Portugal mais trastes de ouro; o senhor conde de Subserra e eu temos a respeito de v. mui boas informações, e estamos seguros na sua honra; não trate mais de tal.»

Não devo nem o valor de cinco réis a nenhuma revolução; todos os postos que tenho tido são unicamente devidos ás minhas habilitações litterarias, e aos meus longos annos de serviços militares, feitos sempre com muita honra na Europa, na Asia, na America, e em Africa.

Nunca recebi nem um real por meio de revoluções: os unicos vencimentos que tenho recebido são aquelles que por lei pertenciam ás patentes que tenho tido, e ás commissões em que tenho sido sempre empregado, sem as diligenciar de qualquer maneira, por governos estabelecidos, segundo as leis que temos.

Esses ensaios de revoluções em que tenho entrado tem sido á minha custa, e cada um tem-me deixado em estado quasi miseravel.

As condecorações que tenho é uma de cavalleiro de Aviz, outra de commendador de Christo; o habito de Aviz tomei-o porque o meu governador, de quem fui muito amigo, o mui bravo, e mui honrado visconde da Serra de Pilar, exigiu que eu me fizesse condecorar com esta ordem, que havia muitos annos me pertencia; tenho d'ella apenas duas pollegadas de fita ha vinte annos.

Tenho a commenda de Christo, porque estando eu nomeado governador para a Africa, e sendo do uso dar-se a todos os governadores geraes d'Africa uma commenda honoraria, Jervis de Athougua, então ministro do ultramar, deu-m'a sem eu lh'a pedir.

Não tenho usado d'ella talvez seis vezes na minha vida; só em comprimento publico em ultramar no dia dos annos de sua magestade a senhora D. Maria II, quando as circumstancias o exigiam.

Estas revoluções, em que por incidente entrei não tem custado á nação um só real, nem tem comprometido uma só pessoa, o unico que se comprometteu fui eu.

Eis escripto com a maior exactidão as revoluções, em que entrei na India, e as circumstancias que me conduziram a ellas.

Eis o documento: — III.^o e ex.^o sr. Diz Joaquim Pereira Marinho, bacharel formado em mathematica, tenente-coronel e lente do regimento de artilharia de Goa, que achando-se preterido por coroneis, que eram maiores quando o supplicante contava muitos annos de tenente-coronel, tem de ir á côrte de Portugal reclamar os seus direitos, para o que precisa que v. ex.^a haja de lhe fazer a graça de attestar sobre os serviços, e conducta do supplicante desde que chegou a este paiz, e como tem sido sempre publico o comportamento do supplicante, civil, e militar. P. a v. ex.^a haja de lhe fazer a graça que pede. E. R. M. — *Joaquim Pereira Marinho.*

— Despacho — Consta que o supplicante desde que serve n'esta provincia tem tido muito boa conducta civil e militar: que na campanha de Rarim no anno de 1817 se comportou com o mais decidido valor, pericia e desinteresse: e que foi um dos principaes motores, e executores de se haver proclamado n'esta provincia a constituição portugueza no dia 16 de Setembro do anno passado, e de se haver procedido á eleição da actual junta provisoria do governo em o dia 3 de Dezembro: e para que o referido conste aonde lhe convier passamos a presente attestation. Palacio do governo 19 de Janeiro de 1822. — *D. Manuel da Camara, presidente — Arcebispo de Cranganor — Mello — Leal — Doutor Lima.*

Junto mais este documento. — A camara municipal do concelho da villa da Praia na occasião solemne de ter cumprido as ordens regias de sua magestade, reconhecendo como governador d'esta provincia ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. João de Fontes Pereira de Mello, não deve deixar de dar aqui um publico testemunho de agradecimento ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. brigadeiro Joaquim Pereira Marinho, a quem sua magestade houve por bem transferir para o governo geral de Moçambique, pela justiceira, independente e sabia administração, com que se houve n'esta provincia. A prosperidade, e melhoramento d'ella não foram indifferentes ao genio emprehendedor de tão illustre cidadão, e por suas diligencias officiosas e propostas convenientes, ella gosa hoje de recursos, que não tinha em seus rendimentos, e de meios, que sujeitos ás regras de economia, que nossas circumstancias exigem, podem fazer face ás despesas publicas d'estes interessantes dominios da corça portugueza.

Muitos monumentos de sua honrada, livre, e desinteressada administração ahí ficam espalhados pelas diferentes ilhas d'este archipelago.

Os pequenos rendimentos d'esta provincia não facilitaram em grande o desinvolvimento de muitos outros planos de beneficio, e interesses para estes habitantes, mas esta camara animada dos sentimentos de mais profundo respeito, e consideração pelo illustre governador, que o vem succeder, desde já conta, que nutrido os mesmos desejos, e nobres sentimentos, continuará a concorrer para a ventura d'estes habitantes, e que o desgosto que os acompanha pela ausencia do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Joaquim Pereira

Marinho será suavisado por verem na pessoa do seu benemerito successor uma garantia não equívoca á estabilidade das nossas instituições, protecção do nosso commercio e industria, e segurança individual, a despeito de todas as machinações, com que um partido inimigo das publicas liberdades tem pretendido inquietar a raelhor, e a mais respeitavel totalidade dos habitantes d'esta provincia.

Paço do concelho na villa da Praia 16 de Setembro de 1839. — Assignados — João da Silva Pereira, presidente interino — Marcellino Rezende Costa — João Baptista do Livramento, vereador — Miguel de Brito Pereira, secretario da municipalidade.

A villa de Coruche.

Na fronteira da provincia do Alemtejo, e junto á da Estremadura, está a villa de Coruche, distante sete leguas e meia da villa de Aviz para oeste, outras tantas de Montemor o Novo para noroeste, e quatro a este do Tejo.

Tem por assento uma planície, em que se estendem as suas duas unicas, mas compridissimas ruas, e a encosta de um monte, por onde sobem algumas pequenas travessas. Proximo da povoação correm as ribeiras de Sorraia, e da Erra.

A fundação de Coruche é muito antiga, e como tal pouco ou nada conhecida. Entretanto Rodrigo Mendes Silva na sua *Poblacion General de España* attribue-a aos gallos celtas 308 annos antes do nascimento de Christo. Nas invasões dos romanos, dos godos e mais povos do norte, e por fim na dos arabes, seguiu a sorte de toda a Lusitania, que se viu forçada a subjeitar-se ao jugo de todos esses conquistadores.

Andando D. Afonso Henriques na sua gloriosa empresa de plantar a cruz de Christo, onde campeava o crescente musulmano, conquistou-a para a sua nova corôa no anno de 1166, e logo fez doação d'ella á ordem militar de Aviz.

Infelizmente passados quatorze annos tornaram os moiros a apossar-se da povoação, e provavelmente pela resistencia, que n'ella acharam, destruíram-na completamente; e assim permaneceu dois annos, até que no de 1182 voltou ao dominio de el-rei D. Afonso Henriques, que a mandou reedificar e povoar. Este soberano para attrahir ali moradores concedeu á villa muitos privilegios, que el-rei D. Manuel acrescentou ainda no foral, que lhe deu aos 28 de Março de 1513. Entre esses privilegios contava o de ser representada em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no banco decimo quarto. O brasão d'armas de Coruche é um escudo com uma coruja no centro.

Tem esta villa uma unica parochia, dedicada a S. João Baptista, hospital e casa da misericordia, cuja igreja é de boa architectura; um recolhimento, intitulado de Santa Rosa de Viterbo; e seis ermidas, uma das quaes está edificada na corôa de um oiteiro sobranceiro á villa. A casa da camara é bom edificio, e entre as dos particulares algumas se vêem de agradável apparencia.

Os suburbios de Coruche são aprasiveis e muito férteis. A varzea, que o Sorraia e Erra cortam e regam, é dilatadissima e muito bem cultivada. Criam-se n'ella muitos gados, e produz muitos cereaes, e outros fructos. As margens das duas ribeiras são arborizadas, e as collinas que as debruam de aspecto variado. Em uma d'estas collinas existiu outr'ora o castello de Coruche, que nas guerras com os moiros se arruinou inteiramente.

Conta esta villa uns dois mil trezentos e cincuenta habitantes. Tem uma feira a 29 de Setembro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A menina dos cabellos brancos.

1

Quem assistiu, dia a dia, ao doloroso espectáculo de uma cidade invadida pelo cholera, e logo no anno seguinte presenciou, sem transpor por um só momento os seus muros, essa mesma cidade

de flagellada pela febre amarella, como succedeu em 1856 e 1857 ao homem que escreve estas paginas, devia logo na primavera de 1858 tratar de alugar um cazeiro fora d'esta Lisboa, outr'ora afamada por seus bons ares, mas hoje perdida no conceito de quem não deseja morrer de peste.

Eis o que fez este humilde servo dos leitores; arranhou uma casinha no poetico sitio da *Cruz quebrada*, e logo que os calores apertaram, foi instalar-se no seu modesto hospicio, á espera de ouvir o primeiro toque de finados, que lhe trouxesse do oriente a triste nova da appareição de outra epidemia.

Felizmente não succedeu assim. O anno de 1858 houve-se bem; e Lisboa deveria commemorar aquella data com algarismos de oiro finissimo, se não fóra o susto do dia 11 de Novembro. Não se encheram de emigrados os arrabaldes da cidade, como nos dois estios precedentes; os monstros do Ganges e das Antilhas não separaram os pobres e os cerajosos da capital dos ricos e pusilanimes votados a ostracismo voluntario nas cercanias de Lisboa; e as carruagens giraram na estrada de Oeiras do nascente para o poente, e do occidente para o oriente sem assustarem os pacificos moradores das povoações da beira do Tejo, a aristocratica Belem, a fresca Pedroços, a gastronomica Dá-fundo, a graciosa Cruz quebrada, a real Caxias, a maritima Paço d'Arcos, e S. Julião — a de triste memoria.

Das reminiscencias d'esse verão nas praias se fez esta obrinha. O palco em que, com o favor de Deus, se vae representar o drama da *Menina dos cabellos brancos*, estende-se de S. José de Riba-mar até á *Boa Viagem*, apresentando no fundo da scena as pittorescas collinas de *Linda a pastora e Linda a velha*; e a platea d'este theatro é a ampla bacia do Tejo que se encurva entre as torres de Belem e de S. Julião da barra.

A acção principia á uma hora da tarde de domingo 19 de Setembro de 1858, dia da festa da *Cruz quebrada*, no logar mesmo do arrayal, entre o *Dá-fundo* e *Caxias*, onde o pacifico rio de Jamor passa sob uma solida ponte, no seu caminho para o Tejo.

Todos sabem o que é um arrayal nos saloios, modesto e innocente passatempo aldeão, (á parte alguma facada, ou outra bagatela semelhante, que ás vezes annuvia os alegres rostos das *cachópas* e dos seus *arrojados*!) Era um d'esses divertimentos pastoris que tinha logar na Cruz quebrada em honra do Senhor Jesus dos Afflictos.

Mas o que nem todos sabem é a historia da santa imagem que ahi se venera; não por que seja antiga e lenda, mas por que figuram n'ella pobres obreiros. Vou conta-la.

O Senhor estava no extincto convento de Santa Catharina, sobranceiro á Cruz quebrada, e quebrada tinha a cruz, e quebrada estava mesmo a veneranda imagem, sem culto nem resguardo algum, por tal forma que moveu á piedade os moradores do logar para a arrancarem d'aquelle sitio profanado, e fazerem-na restaurar convenientemente, para de novo ser apresentada á adoração dos fieis.

Dito e feito; e como porém não tinham templo publico no logar aonde collocassem a imagem, obtiveram de uma religiosa senhora que acolhesse aquelle transumpto do Salvador na sua ermida particular; e ahi lhe faz o povo uma festa annual, acompanhada de folguedos campestres na quinta da fidalga.

Era pois n'esse dia solemne para a povoação; um formoso sol de outono inundava de luz a frontaria da ermida e do palacete, e estendia sobre o terreiro contiguo as sombras de copado arvoredo; soava a musica, de mistura com o pregão de leilões, e o estalar dos foguetes no ar; as *Marias* trajavam as suas melhores galas, e os collarinhos gigantes erguiam-se aprumados d'entre as golas ponderosas dos vestidos domingueiros dos *Manueis*.... Que prazer innocente, que alegria salaia, que bucolica scena!...

Eu estava encostado á porta de ferro da quinta, contemplando a animação d'aquelle quadro, e comentando-o em conversa com o meu amigo Emilio, quando o rodar acelerado de uma carruagem, tirada por dois cavalos a galope, me fez distrahir

a vista para a estrada por onde corria o trem... fascinadora surpresa!

Sobre as almofadas de damasco amarello deligeira *caleche*, ia reclinando graciosamente uma formosissima mulher, cheia de vida, de juventude, com a tez rosada e olhos ardentes... mas com cabellos brancos, todos brancos,

Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva!

Era a verdadeira antithese das *velhas-meninas* da epoca, cujo negro ou loiro cabelo, comprado no Godfrey ou no Baron, moldura faces rugosas apesar do *cold-cream*, e outros ingredientes de apparente rejuvenescencia!

Quando o primeiro assombro me passou, e que pude fallar, perguntei a Emilio se conhecia aquella menina de cabellos brancos... Ora, se não havia conhecer!... Elle, janota de primeira plana, com vinte e cinco annos de idade e cincoenta mil cruzados de renda, de bigode e pera á mosqueteiro, terror das tias velhas... não por ellas, mas pelas sobrinhas moças e bonitas; Emilio respondeu-me logo que sim.

— Então quem é? acudi eu alvoroçado, e com uma curiosidade que não é vulgar em mim.

— E' uma aventureira hespanhola, tornou-me Emilio, placidamente.

— Não pode ser! hesquei eu, fazendo *beicinho* pelo desapontamento.

— Pois então seja filha de um grande de Hespanha, de um conselheiro de Castella, de um duque de Aragão, acrescentou Emilio com a mesma fleugma.

Senti que me esfriava o enthusiasmo, e disso, sorrindo, ao meu amigo:

— Pois deversas, aquella physionomia singular pertence a uma vulgaridade mundana?

— Eu te digo o que sei d'ella. Chegou ha dois mezes a Lisboa, só por só, e alojou-se esplendidamente no hotel de Bragança, bebendo sempre do melhor Champagne, e fumando dos mais puros havanos. Ha um mez passeiava de carruagem com o velho barão de Caxias, o millionario. Ha quinze dias encontrei-a no Passeio Publico, á noite, em companhia do enamorado Caetaninho. Ha oito veis viver para S. José de Riba-mar com um brasileiro riquissimo, um verdadeiro *tio da America*. Hoje vae só, como viste, para o lado de Paço d'Arcos... mas talvez volte acompanhada.

— Es um verdadeiro almanak de Lisboa e seus arredores; agradeço-te as informações, e não fallemos mais na hespanhola... Vamos ver quem sae da capella.

— Temos por cá muita gente de Lisboa... Olha como vem galante a Herminia... Deixa-me ir comprimental-a.

De feito chegou-se á gentil menina, que transpunha os humbraes da ermida, e apertou-lhe familiarmente a mão.

Eu fiquei a alguma distancia contemplando a formosura de Herminia, typo inteiramente differente do que ha pouco me impressionara tão de subito.

Herminia era alta, elegante, morena, de olhos e cabellos negros, pé microscopico, andar de rainha, e com um gosto extraordinario para se vestir, o que, perdoem-me as compatriotas, não é muito vulgar entre as portuguezas; vinha acompanhada por uma tia velha, que não olhou com muito bons olhos para Emilio, e que foi conduzindo a sobrinha para fora da quinta, depois de breve dialogo de banalidades entre os dois jovens.

Emilio voltou para junto de mim.

— Então está por cá a banhos a Herminiasinha?

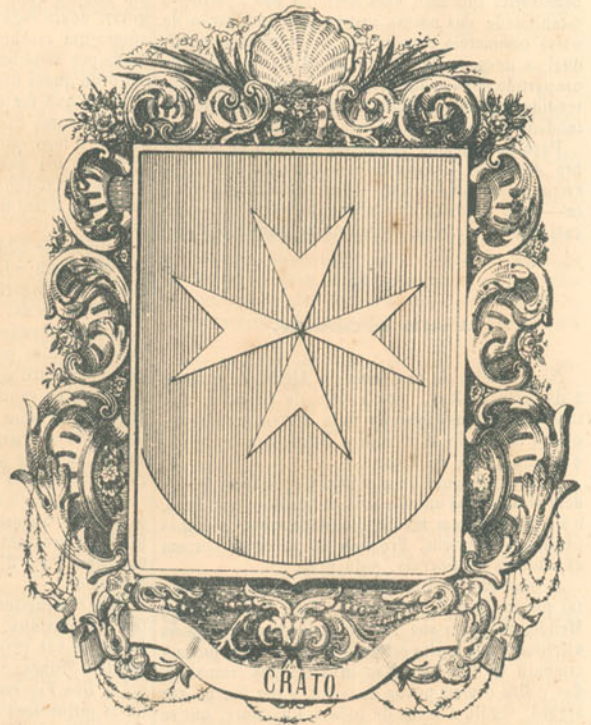
— Está, em Gibraltar, ali abaixo, antes de chegar a Caxias.

— Por isso tu passas tantas vezes pela *Boa Viagem*...

— Eu, sim!... Já me deixei de namoros.

— Bem sabes que não tenho nenhuma sobrinha bonita; é escusado que percas o tempo a justificar-te para comigo.

— O que tu quizeres!... Parece que ignoras qual é a reputação d'aquella rapariga: é a virtude e a honestidade personalizadas.



Arnellas.



Ruínas do castello de Pierrefonds

— Sei que tem fama de ser uma menina de juizo... mas tu podes resolver-te a casar...

— Não, é muito cedo; deixa-me chegar aos trinta; até então inteira liberdade... Aonde appareces á noite?

— Aqui, no arrayal, é o ponto de reunião n'este dia!

— Pois seja, cá apparecerei; até á vista.

Tive a curiosidade de ver que rumo tomava o meu amigo; marchou para oeste, na direcção de Gibraltar; a sua casa era no *Monteiro*, para leste: todavia, de Herminia, nem a calunnia mesmo se atrevera a boquejar; nunca acceitara a corte de nenhum cavalheiro, e fallava mesmo em metter-se a irmã da caridade. Se Emilio gostava d'ella, como me pareceu, não devia passar de um amor platónico essa affeição meio-encoberta.

Fazendo estas reflexões, e caminhando para fora da quinta, ao acaso, e acotovelado por uma multidão de saloios, achei-me sobre a ponte, e a imagem da menina dos cabellos brancos, com o seu sequito de amantes, voltou-me de novo á memoria:

— E' pena, disse comigo mesmo, que uma creatura angelica, como aquella parece ser, já esteja perdida, no verdor dos annos, na quadra do amor, das illusões doiradas, dos sonhos mais risonhos do que as felicidades da vida real!

Absorto n'estas idéas não senti o rodar de uma carruagem que se aproximava; porém uma estridente gargalhada que souo ao meu lado, e as palavras que a seguiram, proferidas pelas boccas de alguns laponios, me fizeram lançar a vista para a estrada. Era a carruagem da menina dos cabellos brancos, que passava ruidosamente, e os malaios diziam:

— Lá vem a hespanhola de S. José...

— Não traz o velho consigo...

— Talvez fosse encontrar algum *liró* da cidade...

— Já tem os cabellos brancos do trabalho...

Afastei-me d'aquelle grupo de gente brutal, cheio de indignação... não sei porque, custava-me a acreditar o que se dizia da hespanhola, e consolou-me ver que Emilio se enganara d'esta vez: a gentil menina não voltava acompanhada!

Dirigi-me para casa, trescalando mau humor por todos os poros, e estropeando com a minha voz anti-musical a aria da *Calunnia do Barbeiro de Sevilha*; porém outra surpresa me aguardava á porta do meu humilde domicilio: a carruagem da hespanhola tivera um pequeno desarranjo, e a sua dona esperava na estrada, a pé, que se accommodasse o trem.

Cheguei-me a ella respeitosa, e offereci-lhe o meu pobre alvergue, para se abrigar dos ardores do sol em quanto não podia continuar a jornada; com espanto meu o convite foi logo acceito sem hesitações pueris.

Então pude contemplar de espaço aquella divina creatura!... Eis aqui o seu retrato, como se me fixou na cabeça e no coração.

Continua.

F. M. BORDALO.

A villa do Crato.

Querem os nossos antiquarios, que esta villa fosse fundada muitos annos antes do nascimento de Christo pelos cartaginezes, fazendo-a colonia e cidade com o nome de *Catralencas*.

Sem entrarmos na escurissima questão da sua origem, temos todavia por certo que é muito antiga. No concilio Illibiritano, que se celebrou no anno de 300 da era christã, na cidade de Elvira, na Andaluzia, compareceram tres bispos da Lusitania, e entre estes Secundino, bispo Catralencense. D'esta antiga gerarchia episcopal conserva a villa do Crato uma memoria no nome de uma rua chamada da *Episcopia*, talvez onde outr'ora existisse o palacio do bispo.

Os muitos restos de edificios e sepulturas romanas, que ainda no principio do seculo passado se viam dentro da villa e a pouca distancia d'ella, os quaes os moradores tem destruido, desgraçadamente, para se irem aproveitando dos materiaes para outras construcções, provam que *Catralencas* foi uma povoação importante.

Pela invasão dos moiros ficou muito arruinada.

Os seus moradores ou caíram sob o alfange sarraceno, ou a abandonaram, indo procurar refugio nas montanhas mais escabrosas. E assim perdeu até nossos dias a sua preeminencia de cidade e sede episcopal.

Quando D. Afonso Henriques tratava de alargar com a sua gloriosa espada os limites da nascente monarchia, mandou reedificar e povoar aquella arruinada povoação, que do antigo nome, já corrupto, se principiou a chamar *Crato*.

Entretanto só começou a medrar e ter alguma importancia desde que foi constituida cabeça do priorado da ordem militar de S. João de Malta. Esta ordem foi instituida no tempo do conde D. Henrique, em Jerusalem, d'onde depois se mudou para a ilha de Rhodes, e d'aqui para a ilha de Malta.

Não se sabe precisamente a epoca em que foi creado o grã-priorado do Crato; mas parece ter sido no reinado de D. Afonso IV, em que vemos figurar como prior do Crato a D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual foi o primeiro prior de que ha noticia. Os outros grã-priores foram: Afonso Gonçalves Pereira; Alvaro Gonçalves Camello; D. Pedro Alvares; D. Nuno de Goes; D. Diogo Fernandes d'Almeida; D. João de Menezes, conde de Tarouca; o infante D. Luiz; seu filho D. Antonio, pretendente á coroa por morte do cardeal rei; o principe Victorio Amadeo; o infante de Castella, D. Fernando; o cardeal archiduque Alberto; D. João de Sousa; D. Manuel de Mello; o infante D. Francisco, irmão d'el-rei D. João V; o infante D. Pedro, depois rei terceiro do nome; seu filho o infante D. João, depois rei sexto do nome; e o senhor D. Miguel de Bragança.

Os rendimentos d'este priorado, que no tempo d'el-rei D. Afonso V eram apenas de seiscentos mil réis, chegaram em o anno de 1800 a vinte e quatro contos de réis. Por breve do papa Pio VI, de 24 de Novembro de 1789, ficou o grã-priorado do Crato unido á casa do infante, que, como se sabe, foi extincta em 1833, bem como os dizimos, que constituíam aquelles rendimentos.

No seculo XVI tiveram logar na villa do Crato dois faustos successos, os consorcios d'el-rei D. Manuel com a sua terceira mulher, a rainha D. Leonor, e de D. João III com a rainha D. Catharina; celebrados, o primeiro no anno de 1518, com festas esplendidas, e o segundo no de 1524.

El-rei D. Manuel deu foral a esta villa em 1512, concedendo-lhe muitos privilegios e isempções. O seu titulo de *notavel* tem origem muito anterior, bem como a regalia de ter voto em côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no banco decimo segundo. O seu brasão d'armas é uma cruz de Malta de prata em campo vermelho.

Durante as guerras da restauração do reino, veio um exercito castelhano, commandado por D. João d'Austria, pôr cerco á villa do Crato em o anno de 1662. Apesar de se achar muito mal guardada, e de constar o exercito inimigo de seis mil infantes, e quatro mil cavallos, defendeu-se a praça em quanto lhe foi possivel, auxiliada pelas fortes muralhas com que a cercara o prior D. Nuno de Goes, e pelo castello, que este reedificara. Cedendo porém a forças tão superiores, rendeu-se, conseguindo apenas segurança para as vidas dos seus defensores, e mais habitantes.

D. João d'Austria, irritado pela resistencia que lhe oppoz um tão pequeno numero de soldados, permittiu aos vencedores todo o genero de crueldades. A villa foi roubada e queimada, não ficando edificio algum, que não padecesse maior ou menor ruina. O castello foi demolido por ordem do general castelhano. Os pobres habitantes, espoliados e privados de habitação, fugiram para a cidade de Portalegre, e outras povoações da provincia. Entre as muitas perdas causadas pelo incendio da villa, houve a lamentar a dos cartorios, ricos em documentos importantes para a historia de Portugal e da ordem de Malta.

Passado algum tempo começaram a voltar os moradores, e pouco a pouco se foram reedificando as habitações. Todavia esta catastrophe não só paralisou os progressos, que a villa do Crato ia fazendo visivelmente de anno para anno; mas deixou-lhe tão grandes vestigios da sua funesta passagem,

que ainda hoje se vêem alguns, posto que tenha decorrido quasi seculo e meio.

Está situada a villa do Crato na provincia do Alentejo, tres leguas distante da cidade de Portalegre para o lado do poente; quatro da villa de Niza para o sul, e outras tantas do Tejo. O seu terreno é accidentado pelos muitos e grandes rochedos, que a cercam por todos os lados, exceptuando o do sul.

Tem nas suas velhas muralhas cinco portas, chamadas de *Santarem*, de *S. Pedro*, de *Beringel*, de *Seda*, e *Porta Nova*. O castello, fundado em uma eminencia pedregosa, ficava sobranceiro á povoação para a parte do nascente. D'elle ainda resta a cerca de muros exteriores, com seus baluartes. A torre de menagem, e mais edificios, que existiam dentro d'aquella cerca, foram destruidos, como dissemos, em 1662.

A igreja de Nossa Senhora da Conceição é a unica parochia da villa. E' um bom templo de tres naves. A igreja da misericordia foi feita de novo no meado do seculo passado, tendo-se demolido o antigo templo por estar muito arruinado, e ser muito pequeno. Por esta occasião tambem se reedificou o hospital da mesma santa casa. A torre do relójo é uma curiosa antigualha. Está situada no centro da povoação. E' toda de cantaria muito alta, e de forma pyramidal.

Dentro e fora da villa ha varias ermidas. A de S. Pedro, que tem muita antiguidade, foi em tempos remotos a igreja matriz.

Nos suburbios da villa ha uma pequena aldeia, chamada o arrabalde da Flor da Rosa. Deve este nome, e a sua origem a um templo, que ahí fundou o grã-prior D. Alvaro Gonçalves Pereira em 1356. Intitula-se de Nossa Senhora da Flor da Rosa, cuja imagem se achou escondida no mesmo logar, em que está edificada a igreja; e dizem que pertencera a um antiquissimo convento de monges de S. Bento, que os moiros destruíram totalmente na sua invasão da peninsula, e que existia sobre o monte visinho, onde agora se vê uma capella dedicada a S. Bento.

Este templo de Nossa Senhora da Flor da Rosa é de architectura gothica, e de excellente fabrica. No meio d'elle descansa o fundador em um tumulo de marmore. No cruzeiro ergue-se outro tumulo tambem de marmore sobre seis leões, no qual estão as cinzas de D. Diogo Fernandes d'Almeida, prior do Crato, e filho de D. Lopo d'Almeida, conde de Abrantes.

Proximo da villa tinha a ordem de S. Francisco um convento, da invocação de Santo Antonio.

A principal cultura do termo consiste em oliveas, cereaes, e vinhas. Tem muita caça, e alguma criação de gado. Regam-no diversas ribeiras, a principal das quaes, chamada de *Seda*, faz trabalhar varias azenhas. Proximo de outra ribeira, denominada do Xocanal, se descobriram pelos annos de 1724 uns cippos e outras pedras com inscrições romanas.

A 15 de Agosto e 8 de Setembro fazem-se duas feiras no arrabalde de Nossa Senhora da Flor da Rosa, ás quaes concorre muita gente. A villa do Crato conta perto de mil e trezentos habitantes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Os thermes, em Roma.

Continuação.

Quando chegava a hora da abertura dos thermes, soava a *tintinnabula* para advertir o publico. Vê-se que o uso dos sinos já era antigo em Roma. Antes d'este toque ninguém tinha entrada nos thermes, excepto em caso de doença, porque entre os antigos romanos a melhor parte da medicina fazia uso de banhos de toda a forma e sorte.

Effectivamente, depois dos banhos do Tibre vinham os banhos de agua quente, de vapor, de ar secco e quente, e banhos de areia: depois, para amaciar a pelle, misturava-se oleo com a agua; e depois d'estes banhos olinhosos usavam-se banhos de oleo puro. Certas mulheres chegaram mesmo a usar banhos de leite de cabra, ou de burra; e para esse fim Poppea, mulher de Nero, tinha sempre á sua disposição uma grande manada de jumen-

tas. Alguns homens, para fortificarem mais os muros, tomavam banhos de vinho. Finalmente, para tentar a cura de varias moléstias, que se reputavam incuráveis, chegou-se mesmo a fazer uso de banhos de sangue.

Soando a *tintinnabula*, cada um preparava a sua roupa de banho, *andromeda*, *sudatorium*, *estrígilla*; e provia-se de pomadas e unguentos, que foram depois substituídos pelo sabão, como diz Plínio, quando o seu uso se propagou das Gallias á Italia. A farinha de tremoço empregava-se como hoje a farinha de amendoa. Todos estes objectos, assim como as essencias e perfumes encerrados em vasos, entregavam-se aos escravos, ou a rapazes pequenos que precediam seus senhores e amos. Os que não levavam estas coisas encontravam, por dinheiro, quanto quizessem no estabelecimento. Os que não tomavam parte nem nos banhos, nem nos exercicios, dirigiam-se como espectadores a tal ou tal ponto dos thermes, e passejavam pelo seu arvoredo e jardins; porém todos, á entrada, tinham de pagar uma quantia, retribuição que permitia a qualquer andar por onde quizesse, sem distincção de classe. Não havia excepção a esta regra senão para as creanças que ainda não tivessem quatorze annos, que para essas havia reservada uma hora de banho. Em certas occasiões porém, como as de regosio publico, a entrada era gratuita para todos.

Apenas se entrava no primeiro recinto, o estadio, passava-se ao *apodyterium*, grande vestibulo onde se deixava o fato em poder dos escravos. Aquelles que não tinham escravos ou servos, deixavam o vestuario n'um cabide, onde ficava seguro, em virtude de um artigo do regulamento, tão curto como draconiano no teor, dizendo que o ladrão seria punido de morte. Do *apodyterium*, a gente moça ia entregar-se aos exercicios do *quintertium* (o *pentaplon* dos gregos), a saber: á luta, ao disco, ao salto, á carreira, e ao pugilato. Aquelles que tinham de lutar, depois de se ungirem com oleo no *elocotherium* iam empoar o corpo no conisterium. Os mais fortes entretinham-se na esgrima, ou exercicios a cavallo. No inverno, exercitavam-se os athletas em estadios cobertos. Depois da fadiga d'estes diversos exercicios, faziam-se esfregar o corpo, reparavam a força esgotada por um repouso momentaneo ao ar secco e quente do *calidarium*, e pelo banho em diversas temperaturas, algumas vezes repetido no mesmo dia.

Continua.

Arnellas.

E' uma bonita aldeia situada a duas leguas acima da cidade do Porto junto á margem opposta do Douro. Está edificada em amphitheatro n'uma encosta com bastante declive para o rio, e tão perto d'elle, que nas cheias do inverno são inundadas as casas e ruas mais baixas.

A casaria, estendendo-se em linha recta ao longo da praia, e d'aqui começando a subir, entre-meada d'árvores, pelo dorso do monte até rematar na igreja, que alveja e realça entre a verde espessura de copados bosques, e por todos os lados cercada a povoação terrenos cobertos de perennes verdouros; tudo isto forma uma perspectiva encantadora. E ainda veem animar e aformosear esta paisagem o Douro, que n'este sitio corre mansamente entre brancos arees, e o Sousa, que lhe paga o tributo de suas aguas mesmo em frente de Arnellas.

Teve origem esta povoação ha trezentos annos, quando os condes da Feira, que ali possuíam uma grande quinta, chamada o *Paço*, e onde vinham ás vezes residir durante o verão, começaram a aforar alguns terrenos para edificação de casas. Porém o maior desinvolvimento de Arnellas foi depois que se extinguir esta illustre familia, porque vagando para a corôa a sua grande casa, se facilitaram e multiplicaram os emprasamentos d'aquella vastissima propriedade, d'onde saíram os terrenos não só para a edificação da aldeia, mas tambem para muitos quintaes, e pequenas quintas, que ao presente ali se veem.

Ha n'este logar varias casas modernas, espaçosas, e de boa apparencia. A igreja, dedicada a S. Matheus, foi reconstruida com mais largueza do

que outr'ora tinha no seculo passado, principian-do-se a obra em Outubro de 1723.

Faz-se em Arnellas um activo commercio de madeiras de construcção, de que sempre ali ha um bom deposito. N'uma quinta á beira do rio, a qual se distingue na estampa junta por um portão no meio de alvos muros, tem mr. Guichard, do Porto, a sua afamada fabrica de cerveja.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

XII

Eduardo tinha quinze dias depois acordado de um dos seus prolongados somnos para ler a seguinte carta, escripta em francez:

«You cumprir o que prometti, fazendo-lhe a narração exacta do que passei desde o momento em que entrei n'esta casa.

«Quando appareci na sala, o barão levantou um reposteiro, e veio fallar-me. Perguntou-me quem ali me tinha mandado: respondi-lhe que uma pessoa que eu não conhecia, como ainda hoje não conheço; lendo-lhe o bilhete que me annunciava a existencia d'aquella doente que necessitava dos meus cuidados. Perguntou-me ainda, como tinha eu determinado dar aquelle passo, guiado apenas por um bilhete anonymo? Redargui, que á verdade d'aquelle aviso me fóra garantida por uma fiança, que lhe designei, como de facto succedeu. Aqui mudou de systema; e depois de interrogar em silencio a minha physionomia, disse-me: Minha irmã, a mulher que está no caso de necessitar dos seus cuidados é, desgraçadamente, maníaca! Pensa constantemente que é rica. . . falla algumas vezes n'uns sessenta contos de inscripções que hade deixar-me de herança, e n'outras mil extravagancias que escuso contar-lhe. Entretanto, ha entre ellas uma mais notavel: negar a *pés juntos* que seja eu a sua providencia n'este mundo! Diz que é seu tudo que a rodeia; e convém não lhe contestar coisa alguma. Tal tem sido o meu cuidado a esse respeito, que até os criados participam da loucura d'ella, julgando-se seus criados. Apesar da despeza enorme que faço para sustentar esta casa em analogia aos caprichos d'aquella cabeça estonteada, apenas represento aqui o papel de protegido aos olhos d'ella, e de querido no conceito dos criados. Queira pois regular-se pelo que lhe exponho.

«Ora é preciso notar que eu não teria nunca annuído ao que v. me pediu no seu bilhete anonymo—contar-lhe por escripto as particularidades que se dessem entre mim e aquella familia—se não tivesse reconhecido que da sua parte não houve senão verdadeira caridade enviando-me ali. Guida pelo que o barão me dissera, julguei aquella mulher louca. A expressão apaixonada que lhe notei deu-me a entender a profundidade em que estava a origem do seu soffrimento. Perguntou-me se tinha sido o barão que ali me enviara: respondi-lhe que sim. A esta resposta sorriu-se. Em seguida desejou saber se a achava doente de perigo, e se não haveria, assim como a medicina do corpo, outra que fosse applicavel aos padecimentos moraes.

«Esta pergunta, feita com socego, commoveu-me. Não me pareceu de um louco; mas os loucos tem certos periodos que illudem muitas vezes acêrca do seu estado. No dia seguinte, começou a fallar-me do barão; mas de um certo modo que me despertou curiosidade. Mencionou-me uma fortuna de sessenta contos em inscripções, da qual, visto o estado em que se achava, muito desejava razoavelmente dispor. O barão persuade-se que lhe deixo esta fortuna, acrescentava ella, prova o pouco espirito de que a natureza o dotou! E riu-se. Depois continuou: Achando-me tão doente, tão desamparada de todos, o unico meio pelo qual conseguí merecer os cuidados do barão foi o engodo da minha herança! Agora porém que tenho junto de mim uma alma caridosa, um coração cheio de bondade, escuso de representar mais com esse ho-

mem o papel que até hoje desempenhei. De hoje em diante, minha irmã, não quero receber o barão.

«Quando, porém, ás minhas justas objecções, Luiza comprehendeu que eu fazia d'ella uma idéa mais falso do que elles! Tudo isto é o preço das minhas lagrimas, choradas sobre mim mesma nas minhas horas de vergonha! Sacrifique-me por esta fortuna; perdi por ella todas as minhas affeições, todo o meu espirito, toda a minha alma talvez! E hade o fructo de tantos sacrificios servir para satisfazer a vaidade de um fatuo sem coração, sem intelligencia, sem espirito, que julgou ter occupado todo o meu coração, illudido toda a minha intelligencia, dominado todo o meu espirito? Nunca, nunca, mil vezes nunca! Minha irmã, eu soffro muito! não tenho ninguem! . . . Estou cansada d'esta vida, porém não me sinto satisfeita de ter vivido. Gosei tudo quanto a opulencia pode proporcionar; mas não experimentei nunca um affecto correspondido! . . . Tenho séde de commoções sinceras e justas: preciso antes de morrer pensar que não fui apenas n'esta vida o ludibrio e o orgulho dos homens: uma origem de lagrimas e de desgraças para as familias; um ente aborrecido, e deshonrado; um demonio! E' o meu coração, irmã, que precisa dos seus cuidados. Seja caridosa com elle! arranque-o se é possível ao dominio d'esta lembrança que o tortura constantemente. Oh! eu quizeira fundir, por assim dizer, tudo quanto me rodeia e me recorda o passado! mudar eu mesma de forma; deixar de ser quem sou. . . achar de noite o somno no meu leito, uma recordação suave de madrugada. . . um pensamento lisonjeiro de dia! . . . Oh! minha irmã. . . minha irmã, tenha piedade de mim.

«Dias depois, em resultado de longas conversações que tive com esta infeliz, reconheci que o barão me tinha informado mal a seu respeito: que não existia n'ella outro principio de doença nem de loucura, senão um grande sentimento soffocado, que em breve lhe causaria a morte, se eu não tivesse agora o gosto de lhe dizer que conseguí fazer de Luiza outra mulher.

«Luiza amava um homem que lhe lançara um dia em rosto a infamia da sua existencia, como um obstaculo invencivel ás aspirações lisonjeiras do seu coração. Apesar d'isso, Luiza não tinha deixado de amal-o. Este amor innocente é hoje a origem da sua conversão. Em breve esta mulher—entrará na nossa piedosa irmandade, á qual pretende doar metade dos seus bens, reservando a outra metade para esse homem que amou, e a quem deseja assegurar a felicidade dos seus dias futuros.

«Permitta-me que lhe agradeça a occasião que me proporcionou de repetir a santa palavra de Deus a esta infeliz; e asseguro-lhe, quem quer que seja, que nunca será esquecido nas orações de

Soror Sophia.

ALFREDO HOGAN.

Continua.

O castello de Pierrefonds.

Poucos paizes possuem tantos castellos antigos como a França, uns ainda em pé, outros prostrados por terra, mas todos elles dando solemne testemunho das terriveis guerras, que assolaram esta parte da Europa na idade media.

Um dos mais notaveis na historia d'essas porfiosas luctas do feudalismo foi o castello de Pierrefonds, situado a tres leguas de Compiègne sobre uma pouco elevada eminencia.

Os poderosos senhores d'esta fortaleza por vezes fizeram vacillar o poder dos reis. O seu dominio estendia-se a muitas leguas em redor do castello. Os seus homens d'armas eram bastantes para formar um forte exercito.

As chronicas d'esse tempo consagram longos capitulos á narração das empresas guerreiras dos senhores de Pierrefonds, e dos cércos e assaltos a que sempre resistiu o castello feudal. Entre os nomes, que ali se mencionam, mais illustres por acções de valor, figura o de Nivelon I, do qual transcre-

vem um documento do anno de 1047, que mostra as immensas riquezas, que este fidalgo possuía.

Em 1193 adquiriu o rei Filipe Augusto este feudo, que em 1390 foi abandonado pelo estado de completa ruína em que se achava. Porém ainda n'este mesmo seculo emprehendeu reconstruir o Luiz d'Orleans, duque d'este titulo, e filho de Carlos v. Mas, ou por querer melhor sitio, ou porque projectasse uma fabrica de mui diversa traça, resolveu edificar um castello inteiramente novo, e a pouca distancia do primeiro.

Com effeito a obra saiu tão grandiosa, que era considerada em todo o paiz como uma maravilha d'aquelles tempos. O novo castello de Pierrefonds occupava uma superficie de mil seiscentas e oitenta toezas quadradas. As torres, que o flanqueavam, assentadas sobre rocha viva, elevavam-se a cento e oito pés d'altura. Dentro d'aquellas altas muralhas tinha o principe fundador sumptuosos paços, de que pouco se gosou, porque em Novembro de 1407 foi assassinado em uma rua de Paris, por mandado de João-sem-medo, duque de Borgonha, cujo attentado deu origem ao rancoroso odio, que dividiu por tantos annos as duas familias de Orleans e de Borgonha, inundando em sangue o solo da França.

Bem se pode imaginar quanto figuraria n'essas guerras uma tal fortaleza. E não foi só na lucta entre as duas poderosas familias, que teve de sustentar círcos e combates. No tempo de Henrique iv, achando-se o castello em poder do partido da liga, foi sitiado e assaltado successivamente por dois exercitos d'aquelle monarcha, o primeiro commandado pelo duque d'Epemon, e o segundo pelo marechal de Biron. E de ambas as vezes saíram vencedores os sitiados.

O valente defensor da liga, que então commandava no castello de Pierrefonds, e que assim venceu dois dos maiores generaes de Henrique iv, era o celebre Rieux, filho de um ferrador, cuja audacia cresceu tanto com estes triumphos, que esteve quasi a apoderar-se d'aquelle soberano, n'uma das suas aventuras, correndo o anno de 1593.

Final Rieux foi feito prisioneiro, e logo em seguida foi enforcado. Saint-Chamant, que lhe succedeu no governo do castello de Pierrefonds, atraiçou o seu partido, e vendeu a praça aos generaes do rei.

No tempo da guerra civil chamada dos descontentes, o Marquez de Cœvres, que era governador do castello em nome do monarcha, declarou-se contra a corte, e em favor dos revoltosos. Carlos de Valois marchou immediatamente contra elle á frente de um exercito de quinze mil homens. O castello foi posto em estreito cerco, e logo depois acomettido e tomado. E aqui acabou a historia do castello de Pierrefonds.

Luiz xiii, para acabar com aquelle ninho de revoltas, ordenou que fosse desmantellado, e posto em estado de não poder mais dar abrigo aos perturbadores da ordem publica.

As ruínas, que na estampa junta se vêem representadas, é tudo quanto resta do grandioso e soberbo castello de Pierrefonds.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Deus!

Gloria a Deus entre os fumes do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor;
Gloria a Deus porque é bom, porque é immenso,
Gloria a Deus entre os cantos d'amor!
J. DE LEMOS.

Salvè, salvè, ó rei do mundo inteiro,
Monarcha, cujo throno é lá nos ceos;
Ente Supremo, que dispões dos homens,
Omnipotente Ser, Eterno Deus!

No horror da tempestade, eu te saúdo;
Teu poder reconheço no trovão;
Es grande no sorrir, grande na colera,
Para ti, só p'ra ti meu coração.

P'la furia do simoum rei no deserto,
Pela sanha das vagas rei no mar;
Rei até do porvir nos seus mysterios,
Rei da lua e do sol no seu brilhar!

No teu throno d'aljofres e safira
Com providente mão dictas as leis
Ao orbe inteiro em cujo giro imperas,
Regendo, mercè tua, n'elle os reis!

Respeitoso ante ti se curva o homem,
Mesquinha imitação d'um regio Ser;
Obedece a natura aos teus mandados
O raio assola a terra ao teu querer!

Divino protector dos homens justos;
Dos malvados juiz dos crimes seus;
Louvor a ti, que és grande, immenso, infindo!
Salvè, salvè, supremo, eterno Deus!

Eis o ceo azul e limpido;
Vêde o sol a dardejar
Ardentes, doirados, fulgidos
Sobre a terra e sobre o mar
Os raios seus!
— Quem creou um ceo tão lindo?!
— A mão de Deus.

Eis que tudo em vez de placido
Se transforma em negro horror!
Grossas nuvens agglomeram-se,
A natura veste dôr,
Brame o trovão!
Quem operou tal mudança?!
— De Deus a mão.

Ao longe brilha o relampago,
Sente-se a chuva cair;
Em furia gemem as aguas,
Vê-se o raio reluzir,
E o ar fender!
Quem tem um poder tamanho?!
— O Eterno Ser.

Arde o palacio do reprobó
Que a tormenta incendiou;
Vêde do justo o tegurio
Que a tempestade poupou
Do seu furor!
Quem protegeu a innocencia?!
— Divino amor.

Pelos desertos da Arabia
Remove-se o areal;
Leva, onde passa, o exterminio,
Servando a sede no mal
E n'afflicção!
Quem promove uma tal sanha?!
— De Deus a mão.

Vêde ao longe nuvem pallida
Pressurosa caminhar;
Eis que se quebram as arvores,
E' o bulcão a passar
Nos furor's seus!
Quem foi acordar os Euros?!
— A voz de Deus.

Da cratera a flamma solta-se,
Ferve a lava em de redor,
Murcha e queima as plantas vividas;
No seu ardente furor
Nada poupou!
Como existem taes montanhas?!
— Deus as formou.

Sempre Deus, sempre Deus! No mundo inteiro
Te mostras, ó Senhor, impresso em tudo,
Em tudo gravas teu poder infindo!
Sempre Deus na tormenta, ou no repouso;
Sempre a voz do Senhor bradando ao mundo:
«Homem, vê na natura a Providencia!
«Raça d'ingratos, não te punge o espinho
«Immerso no veneno do peccado?!

Perdão, meu Deus, aos homens que s'abraçam
Cegos a uma vã philosophia!
Ao pobre atheu perdão; perdão ao sceptico;
Bem punidos estão co'a aridez d'alma!
Talvez mais tarde os punja atroz remorso;
Se n'um dia descreeram talvez creiam
No teu poder, meu Deus, poder immenso;
Talvez que vertam lagrimas de sangue
Quando ouvirem-te a voz bradar aos homens
No val' de Josaphat lembrando os crimes
Que sem pejo na terra hão commettido!

Sempre Deus providente e bemfazejo!
Em tudo aos homens te revelas grande!
Gloria a ti, Senhor, Ente Supremo!

O soldado no campo das lides
Em seu peito t'invoca, ó meu Deus!
E se a bala que passa e sibila,
Vem cortar-lhe algum membro dos seus;

Cae; teu nome supremo soltando,
Entre os gritos agudos da dôr;
E dirige uma prece fervente,
A teus pés sacro-santos, Senhor!

E se o nauta, nas vagas andando,
Julga certo em seu báixel morrer,
Só a tí, ó meu Deus, elle implora,
Só no Eterno uma esp'rança ousa ter.

E se a virgem ficou desolada
N'este mundo sem paes, sem porvir,
No teu seio procura um abrigo,
Bem segura se julga existir.

Todos, todos no mundo t'encontram,
Se t'imploram, meu Deus, com fervor;
Vale á virgem, ao nauta, ao soldado,
Vale a todos o eterno Senhor!

Gloria, gloria do mundo ao monarcha,
Cujo throno divino é nos ceos!
Ser supremo, que os homens proteges,
Gloria a ti, gloria a ti, ó meu Deus!

Maior, 1837.

A. H. D'OLIVEIRA PIRES.

Miscellanea.

Existe no cantão de Bade (Suissa) uma antiquissima lei, que obriga os *noivos*, depois de terminada a cerimonia, a plantarem seis arvores, geralmente de fructo, em terreno baldio; e duas por occasião do nascimento de cada filho.

Calculam-se em dez mil as plantações annuaes.

Lia-se o seguinte por cima de certa loja: «Presuntos e charutos, fumados e por fumar.»

A maior parte das revoluções são como as enchentes dos rios, que destroem, e arrasam tudo por onde passam; confundem a agua cristalina com o lodo; e trazem á superficie os corpos ócos e leves: felizes, mas poucas, são aquellas que se assemilham ás enchentes do Nilo, que trazem apoz si a fertilidade, e abundancia.

Ao que mata um homem, chama-se assassino: ao que mata milhares, guerreiro: ao que saqueia uma casa, chama-se roubador: ao que saqueia provincias, e nações, conquistador: um é coberto de infamia, o outro de honras, e gloria. Eis-aqui como o mundo tem entendido a moral, e a justiça!

Dois poderes existem no mundo; o da razão, e o da força; um proprio dos homens, outro dos brutos; mas, não poucas vezes, aquelles preferem o d'estes.